

Introdução

“No ritmo de nosso assombro, de nosso entusiasmo ou de nossa desaprovação, construímos de forma imaginária uma cidade dentro da cidade, que temos a oportunidade de ver ou de morar nela. A cidade permite uma aventura da imaginação como essa somente, na medida em que o que dela se expõe demonstre imediatamente ter capacidade de absorver o novo”. Jeudy, Henri Pierre, Espelho das cidades, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2005 p.81

O presente livro tem por objectivo proporcionar aos estudantes de Urbanismo e de Arquitectura um quadro referencial sobre a morfologia do espaço urbano. Aqui se apresentam, de forma organizada, princípios básicos que permitem desenvolver um olhar sobre os diferentes elementos que compõem a paisagem urbana. Esses elementos constituem de certa maneira a matriz dos elementos formais e não formais que se encontram de um modo mais ou menos complexo nas cidades e naturalmente também nas aldeias e nos bairros.

O espaço público, apresenta-se com o resultado de uma composição que se altera na medida em que é observada (sentida) no movimento de cada pessoa, do passar, do percorrer ou do simples olhar. Trata-se de referências tão simples, como sejam as simetrias, as hierarquias, as texturas, mas sempre presentes como resultantes de séculos de história feita à escala humana. Fruto do acaso ou da premeditação do saber dos artesãos, da arte de construir ou do saber erudito das regras da composição do espaço, os exemplos aqui apresentados constituem uma gramática fundamental para a qualidade do projecto urbano. Na verdade quando percorremos o País pelas áreas de crescimento das nossas cidades, e cada vez mais nos próprios subúrbios das nossas aldeias e vilas, forçoso é verificar que essa gramática está ausente da criação do espaço público como também está ausente da própria arquitectura, que, não estando ao serviço do espaço público, apenas aparece no autismo do fazer arquitectónico, feito à revelia do lugar que deveria servir. Neste sentido, o presente trabalho poderá também chamar a atenção para a importância das regras do bem-fazer no projecto de urbanismo, tão esquecidas na actividade imobiliária / arquitectónica dos últimos 30 anos.

Premeditadamente, cada tema tratado encontra-se descrito pelo significado de cada um dos 19 termos utilizados nas suas múltiplas acepções, tal como descritos, de forma resumida, no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo (2001), nos quais se deve buscar não só o seu significado etimológico, mas também os possíveis sentidos que cada um lhe pretende atribuir entre o rigor da fórmula matemática e o sentido poético que aí se possa vislumbrar.

No âmbito dos trabalhos curriculares de terreno de Projecto Urbano, nos cursos de licenciatura em Urbanismo e de Mestrado também em Urbanismo, leccionados na Universidade Lusófona, foram seleccionadas recortes nas cidades de Lisboa, Salvador, Bratislava e Trujillo nos quais se percebe sob a forma de «dialectos» uma linguagem comum. Fácil é reconhecer as referências patrimoniais e históricas destas cidades, onde os laços que as ligam com raízes que se perdem nos tempos mais remotos estão mais apertados do que à primeira vista poderia parecer, quer se trate do mundo eslavo quer do mundo latino.

Assim, apresenta-se primeiramente a localização e o enquadramento dos espaços seleccionados. Depois, um conjunto de imagens mostra o percurso principal, no qual foram identificados os diferentes elementos, que se dividem entre formais e não formais, na medida em que estão mais ou menos sujeitos à subjectividade de cada observador.

No caso dos elementos formais dedica-se atenção às figuras, as linhas de simetria, ritmo, limite, recorte, às texturas, cores, definição de eixos e hierarquia de elementos. Quanto aos elementos não formais sugere-se uma possível interpretação relativamente à ideia de convite, sombra, transparência, horizonte, marca, uso e oposição.

Este trabalho pode servir de apoio para motivar as múltiplas leituras dos espaços urbanos, como também poderá servir de referência na concepção do projecto de Desenho Urbano, onde os elementos tratados, formais e não formais, deverão estar sempre presentes, conduzindo o acto criador da forma e do espaço Urbano.